

POLÍTICA ECONÔMICA

Economistas fazem críticas pesadas ao governo Lula

Para Mendonça de Barros, seguir FHC vai de novo em crise

Gisele Teixeira
de Brasília

A política econômica adotada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi trucidada ontem, no primeiro dia de debates do Congresso Brasileiro de Economistas, em Brasília. As críticas vieram de todos os lados. O economista e ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luiz Carlos Mendonça de Barros, afirmou que o caminho adotado pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci, é um "neomalanismo", referindo-se ao ex-ministro Pedro Malan, porque os dois têm uma visão cética da realidade econômica do Brasil e do mundo. "Ambos acreditam que basta ter superávit primário e conquistar a confiança dos mercados para ter sucesso na condução da economia", acrescentou Barros.

Para ele, a diferença entre os dois é que "Malan é um burocrata e Palocci é um político, menos dogmático". Mesmo assim Palocci sai em desvantagem, "por não ter formação teórica, não ser um estrategista e não conhecer a história econômica do Brasil". E acrescentou: "Ele é somente um operador."

Mendonça de Barros disse, ainda, que a opção de seguir o mesmo caminho, "errado", do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso vai dar de novo em crise. Com o agravante, segundo ele, de que agora o Partido dos Trabalhadores tem um grau de informações maior do que o antigo governo de onde este caminho vai dar. "O que está acontecendo hoje é o que chamo de su-

cesso do fracasso, que é essa visão econômica vencendo num ano de baixo crescimento econômico".

O economista Décio Munhoz, da Universidade de Brasília (UnB), também não poupou críticas ao governo. Ele disse que se a reforma da previdência já foi equivocada, a tributária está sendo um acerto de interesses feito "na madrugada" e que vai elevar a carga de impostos. Como consequência, teremos redução de renda e economia sufocada.

"Só um milagre fará a retomada do crescimento", disse. Uma das saídas, segundo Munhoz, é romper o círculo por meio de investimentos em infra-estrutura urbana, como obras habitacionais e de transporte.

"É preciso gerar emprego, fazer com que as pessoas voltem às feiras e supermercados. Caso contrário, não há saída", disse. A mudança, de acordo com Munhoz, não será fácil, principalmente porque o governo não consegue ver o que está se passando ao seu redor e só enxerga sob a ótica do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Representando a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o economista Reinaldo Gonçalves centrou fogo na situação externa brasileira, classificada por ele como péssima. Ele criticou a carta enviada pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci, ao FMI, na qual

ele diz que a situação externa do país está sólida. Segundo o economista, o superávit comercial de US\$ 20 bilhões previsto este ano só está se confirmando por conta da influência da queda de renda sobre as exportações e o Brasil continua perdendo espaço nas vendas externas de manufaturados, apresentando algum crescimento apenas nos produtos agrícolas.

"Se voltar a crescer a economia, a balança despensa. A vulnerabilidade externa está longe de acabar", disse. O problema, segundo ele, está na conta de serviços, que é juros da dívida externa e remessa de lucros das multinacionais, que continua negativa em US\$ 18 bilhões este ano, o mesmo número do ano passado.

Reinaldo Gonçalves disse que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva "está transitando do pior governo dos últimos cem anos em base de crescimento da economia, que foi o de Fernando Henrique Cardoso, para um governo pior ainda".

Hoje, os debates prometem também ser quentes. Para discutir a retomada do desenvolvimento estão confirmados os nomes do senador Aloizio Mercadante (PT-SP), o professor Wilson Cano (Unicamp), o diretor da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), Renato Baumann, entre outros.



Luiz Carlos M. de Barros